

**Importância, capacidade e conforto ao conversar
com crianças sobre sexualidade:
comparação entre pais e professores**

**Importance, capacity and comfort when talking
to children about sexuality:
a comparison between parents and teachers**

**Importancia, capacidad y confort al conversar
con niños sobre sexualidad:
comparación entre padres y profesores**

Ana Kamila Borgonovo

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu/PR – Brasil

Cynthia Borges de Moura

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu/PR – Brasil

Priscila Paiva Cabral

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu/PR – Brasil

Vanize Meneghetti

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu/PR – Brasil

Resumo

O objetivo do estudo foi comparar a avaliação de 46 pais e 82 professores de alunos do quinto ano do ensino fundamental de escolas municipais de Foz do Iguaçu – PR, quanto ao grau de importância, capacidade e conforto, atribuído a 23 temas em sexualidade, por meio de uma escala Likert de cinco pontos. Os pais relataram maior grau de importância, capacidade e conforto para discutir sobre temas da sexualidade com seus filhos do que os professores, e os temas relacionados ao ato sexual foram pontuados com menor grau por ambos. Os professores atribuíram muita capacidade apenas a tópicos relativos aos aspectos biológicos do corpo feminino e à gravidez. Este estudo reforça a necessidade da elaboração de programas de capacitação sobre sexualidade para professores e pais.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação sexual, Relações pais-filhos, Professores

Abstract

This study intends comparing the assessment of 46 parents and 82 teachers of the 5th grade elementary school students from municipal schools in Foz do Iguaçu - PR regarding the assigned degree of importance, capacity and comfort to 23 items related to sexuality, through a 5-point Likert scale. Parents have reported a greater degree of importance, capacity and comfort to discuss sexuality issues with their

children than teachers, and topics related to sexual intercourse were classified with lower scores for both. Teachers have attributed plenty capacity only to topics related to biological aspects of the female body and pregnancy. This study reinforces the necessity to develop training programs on sexuality for teachers and parents.

Keywords: Sexuality, Sex education, Parents-child relations, Teachers

Resumen

El objetivo del estudio fue comparar la evaluación de 46 padres y 82 profesores de alumnos del quinto año de escuelas municipales de Foz do Iguaçu - PR cuanto al grado de importancia, capacidad y confort atribuido a 23 temas en sexualidad, por medio de una escala Likert de cinco puntos. Los padres relataron mayor grado de importancia, capacidad y confort para discutir sobre temas de la sexualidad con sus hijos que los profesores, y los temas relacionados con el acto sexual fueron puntuados con menor grado por ambos. Los profesores atribuyeron mucha capacidad sólo a temas relativos a los aspectos biológicos del cuerpo femenino y al embarazo. Este estudio refuerza la necesidad de la elaboración de programas de capacitación sobre sexualidad para profesores y padres.

Palabras clave: Sexualidad, Educación sexual, Relaciones Padres-Hijo, Profesores

1. Introdução

Em pleno século XXI, muitos ainda consideram a sexualidade um tabu. Além disso, acreditam que a sexualidade somente tem início a partir da adolescência, confundindo os conceitos de sexo e sexualidade. Sendo o ser humano um ser sexuado, a sexualidade está expressa no seu corpo desde o nascimento (YANO; RIBEIRO, 2011). Já em seus primeiros anos de vida, a criança consegue perceber diferenças entre o gênero feminino e o masculino, e, assim, em cada idade, surgem várias dúvidas e questionamentos característicos (GONÇALVES; PAES; FAVORITO, 2015).

De acordo com a Lei 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que dispõe sobre a duração do ensino fundamental, as crianças matriculadas no quinto ano completaram ou irão completar 10 anos de idade. Essa idade é marcada pelo rápido crescimento e pelo início da puberdade, caracterizando a transição da criança para a adolescência inicial (CORDELLINI, 2008). A palavra adolescência vem do latim “*adolescere*”, que significa “crescer na maturidade”, compreendendo alterações biológicas, psicológicas e sociais (VALENÇA; GERMANO, 2009; FERREIRA; NELAS, 2016).

Há algumas décadas, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já reconhece o valor da educação sexual para toda a população, expressando a necessidade de preparar os pais para as manifestações de sexualidade de suas crianças e os adolescentes para sua iniciação sexual e as questões emocionais (OMS, 1975). A questão de quem seria o educador ideal e o lugar ideal para discorrer sobre sexualidade também já é há muito discutida, debatendo os papéis desempenhados por pais, professores, sacerdotes e médicos (MONTARDO, 2008).

Alguns autores acreditam que a família não está preparada para abordar temas da sexualidade com as crianças. Seus estudos evidenciaram dificuldades como vergonha, falta de preparo, medo de o diálogo incentivar a prática sexual, além do valor negativo atribuído às questões da sexualidade e a crença nos tabus com os quais eles foram educados em sua época (SILVA; MEGID NETO, 2006; GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013; NERY et al., 2015; QUEIRÓS et al., 2016). Os professores também demonstraram, nas pesquisas, sentimentos como constrangimento, insegurança, falta de preparo e receio do preconceito das famílias para trabalhar a educação sexual nas escolas (MAIA; SPAZIANI, 2010; RODRIGUEZ, 2010; NOTHAFT, 2014; GONÇALVES; PAES; FAVORITO, 2015).

A criança consegue perceber o desconforto dos adultos para falar sobre o assunto, e isso pode atrapalhar a formação de um vínculo afetivo de confiança (GROFF, 2015). A falta de educação sexual expõe tanto crianças quanto adolescentes a vários riscos (GONÇALVES; PAES; FAVORITO, 2015). Com a iniciação sexual cada vez mais precoce, não raro, ocorre exposição à Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), gravidez precoce, aborto e agravamentos decorrentes da gravidez (ENDERLE, 2015).

Segundo dados do Sistema Único de Saúde (SUS), houve uma queda na taxa de natalidade entre mulheres jovens e adultas, porém, isso não é verificado na faixa etária de 10 a 14 anos (SILVA, 2011). Sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), dados do último Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde preocupam, ao mostrar que há um crescimento de infecção entre os jovens. A taxa de detecção de AIDS em adolescentes do sexo masculino, entre 15 e 19 anos, triplicou nos últimos dez anos (PROGRAMA CONJUNTO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE HIV/AIDS et al., 2017). Além de prevenir IST e gravidez precoce, a

educação sexual também é uma forma de, através da informação, prevenir as crianças da violência sexual (SPAZIANI; MAIA, 2015).

Nesse sentido, este estudo teve como objetivo comparar a avaliação de pais e professores quanto ao grau atribuído de importância, capacidade e conforto a temas em sexualidade que deveriam conversar com seus filhos/alunos do quinto ano do ensino fundamental, de escolas municipais de Foz do Iguaçu.

A transmissão de conhecimentos sobre sexualidade para crianças e adolescentes é responsabilidade de quem convive com ela no dia a dia, ou seja, os pais e professores. Com a promoção da educação e da saúde sexual, é possível diminuir tanto a incidência de IST e a taxa de gravidez precoce, quanto proteger as crianças e adolescentes da violência sexual, ou mesmo de uma vivência sexual conturbada.

2. A família como educadora sexual

A família é a educadora sexual fundamental, direta ou indiretamente, pois é nela que as crianças obtêm suas primeiras informações, sendo os pais os seus principais exemplos e base para o desenvolvimento de valores, crenças e ideologias. Portanto, muitas das concepções sobre sexo e sexualidade são aprendidas nesse contexto (RODRIGUES; WECHSLER, 2014; GROFF, 2015).

É no início da puberdade dos filhos, que muitos familiares tentam introduzir o tema sexualidade no diálogo, devido às transformações físicas e emocionais geradas pelo amadurecimento e desenvolvimento sexual (BEE; BOYD, 2011). Entretanto, os pais apresentam dificuldade em abordar o tema com seus filhos; as conversas, geralmente, apresentam caráter de advertência. Dessa forma, a educação sexual é realizada de forma superficial, sem um diálogo e maiores esclarecimentos (BARBOSA; COSTA; VIEIRA, 2008; NERY et al., 2015).

Muitas crianças são privadas da educação sexual por conta do pensamento retrógrado de seus responsáveis, que limitam a sexualidade apenas ao ato sexual em si. Outros, por considerarem que o diálogo incentiva a prática sexual não abordam o tema, pois se sentem envergonhados e despreparados para tal. Os pais atribuem valor negativo aos temas da sexualidade, devido ao fato de não terem recebido educação sexual em seu passado (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013). A sexualidade dos filhos é considerada um assunto de difícil discussão no

meio familiar, pois pode trazer à tona aspectos reprimidos da sexualidade dos pais, fazendo-os refletir sobre a própria sexualidade, podendo gerar sentimentos como a angústia, medo, insegurança e constrangimento ocasionados pelos tabus e indefinições com os quais foram criados (NERY et al., 2015).

Silva e Megid Neto (2006) afirmam que a família é despreparada para abordar temas da sexualidade com suas crianças, precisando ser envolvida em um processo de educação preparatório para aprender a educar. A dificuldade da família em fazê-lo deriva de paradigmas culturais enraizados na sociedade. Eles afirmam que a melhor educação seria a propiciada pelos próprios pais, pois nenhuma estrutura social consegue atuar tão precocemente, com adultos tão significativos, por tanto tempo e de forma tão importante sobre o ser humano, em sua fase de formação de personalidade, como a família.

O âmbito familiar deve oferecer abertura para que as crianças se sintam à vontade para satisfazer dúvidas relacionadas ao tema da sexualidade. É fundamental que os pais criem um ambiente de confiança, a fim de que as crianças sejam encorajadas a sempre buscar informações junto à família (RODRIGUES; WECHSLER, 2014). A comunicação entre pais e adolescentes sobre educação sexual auxilia na redução do comportamento de risco (ARAÚJO et al., 2015). Os pais se consideram os principais responsáveis pela educação sexual de seus filhos, em especial as mães, e realçam que a aproximação pessoal favorece e facilita o diálogo, propiciando tranquilidade e ausência de vergonha, portanto, uma maior abertura pode ser a chave para superar as dificuldades (QUEIRÓS et al., 2016).

3. A escola como educadora sexual

Devido ao aumento da incidência de gravidez precoce e ao risco de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) entre os jovens, em 1998, o Ministério da Educação (MEC) incluiu o tema transversal orientação sexual, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Além de promover a prevenção à IST e gravidez precoce, essa publicação teve a intenção de contribuir para derrubar tabus e preconceitos sobre a sexualidade (BRASIL, 1998). Todavia, o termo orientação sexual se refere ao sexo pelo qual a pessoa sente atração sexual. Além disso, remete à uma ideia de passividade, de apenas receber informações que devem ser apreendidas, sendo educação sexual um conceito mais adequado para atender aos

propósitos do MEC de promover à criança o pensamento crítico e reflexivo e permitir o autoconhecimento e vivência de sua sexualidade (BRASIL, 1998; PEREIRA, 2014; D'ANDREA, 2014).

Em 2016, entretanto, o MEC lançou o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece os conteúdos curriculares essenciais da educação básica em substituição aos PCN. Nesse documento, não consta em seus temas integradores a educação sexual, subentendendo-se que ela é competência da disciplina biologia, como um componente curricular.

A inserção da biologia como componente curricular nessa etapa tem se dado também pela ampliação das interfaces entre essa ciência, processos e produtos tecnológicos e questões de âmbito social, político, ético e moral. O jovem não pode prescindir do conhecimento conceitual em biologia para estar bem informado, se posicionar e tomar decisões acerca de uma série de questões do mundo contemporâneo, que envolvem temas diversos, como: identidade étnico-racial e racismo; gênero, sexualidade, orientação sexual e homofobia; gravidez e aborto. (MEC; BNCC, 2016, p. 150)

Restringir a educação sexual à biologia, mesmo com o BNCC afirmando que defende uma abordagem que proporcione visão integrada e sistêmica, desconsidera toda a transversalidade e integralidade do ensino proposto pelo PCN e coloca a educação sexual em risco de ser trabalhada apenas considerando seus aspectos biológicos (CABRAL, 2017). É importante que não apenas professores de biologia e ciências estejam envolvidos na educação sexual dos alunos, ela deve ser realizada com enfoque não apenas sob a perspectiva biológica, e sim levar em conta todas as outras diversas dimensões que envolvem a sexualidade. As escolhas e desejos dos adolescentes não dependem totalmente de decisões racionais (ROHDEN, 2009).

O profissional incumbido das ações educativas voltadas à sexualidade nas escolas foi o professor, por estar incluso no cotidiano escolar. Porém, como a formação acadêmica não preparou os professores para tratar dessas questões, esse profissional tem que ser capacitado, tanto em relação a conteúdos, quanto a habilidades (CORRÊA, 2003). É importante que o docente mantenha uma postura profissional para tratar do tema e não expressar suas próprias opiniões, devendo conduzir e orientar o debate. Assim, o aluno tem espaço para questionamentos e formação de suas próprias opiniões (BRASIL, 1998).

O professor desempenha uma importante função de auxiliar a formar cidadãos, portanto, não discriminar e promover o respeito às diversidades e aos

direitos humanos, não enfatizando suas próprias convicções culturais ou religiosas, é uma questão de cidadania (ROHDEN, 2013).

Na pesquisa de Nothaft (2014), os professores demonstraram entendimento de que é necessário ser flexível, receptivo e conhecedor do assunto, para tratar da temática da sexualidade. Todavia, relataram sentirem-se temerosos e pouco preparados para tal função. O receio de o preconceito surgir das famílias das crianças, ao saberem que a educação sexual está sendo realizada na escola é um fator que dificulta e reprime os professores, promovendo o pensamento de que falar sobre sexo na escola ainda é um tabu (RODRIGUEZ, 2010).

No estudo de Gonçalves, Paes e Favorito (2015), os docentes mencionaram a necessidade de uma capacitação sobre sexualidade infantil. Já no de Maia e Spaziani (2010), as professoras relataram sentirem-se inseguras, pois não tiveram o conteúdo da sexualidade em sua formação acadêmica e acreditam que os pais também deveriam ser preparados para realizar educação sexual com seus filhos.

4. Pesquisas na área: percepção da importância, capacidade e conforto de pais e professores para falar sobre sexualidade

Foram realizadas buscas por artigos, teses e dissertações que relatassem pesquisas realizadas com pais e/ou professores, abrangendo a percepção da importância, capacidade e/ou conforto para trabalhar a sexualidade com seus filhos ou alunos, publicados entre 2008 e 2017. Utilizaram-se as bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), da Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) e da Scientific Electronic Library Online (SciELO), e o Google Acadêmico, cruzando-se os seguintes descritores: 'pais', 'professores', 'sexualidade' e 'educação sexual'.

Após o refinamento dos resultados, foram selecionadas 14 pesquisas que contemplavam o objetivo. Há uma quantidade escassa de estudos relacionados à sexualidade, que investigam os pais quanto às suas percepções para realizar a educação sexual com seus filhos. Devido a esse fato, foi encontrado um número superior de pesquisas realizadas com professores.

4.1 Pesquisas com pais

Gonçalves et al. (2012) pesquisaram se 50 pais de alunos adolescentes consideram importante discutir sobre temas referentes à sexualidade com seus filhos; 86% deles responderam que sim, e 14% disseram que não. Os temas elencados como mais importantes foram gravidez e métodos contraceptivos, revelando que a gravidez indesejada é uma das grandes preocupações no âmbito familiar, pois a sua ocorrência repercute na vida dos jovens, por não terem maturidade psicológica e condições econômicas para arcar com as responsabilidades vinculadas à gravidez. IST foi o segundo assunto mais mencionado pelos pais. Isso se deve, principalmente, ao medo da AIDS. O tema namoro aparece nas respostas, manifestando o anseio dos pais com as consequências do relacionamento afetivo com muita “liberdade”, principalmente para as meninas.

A pesquisa de Barduni Filho e Coelho (2013) buscou identificar os significados dos temas afetividade e sexualidade junto a 19 pais de alunos de uma Escola Família Agrícola (EFA). Os pais demonstraram incômodo ao mencionar o namoro dos filhos, apesar de afirmarem reconhecer que o início de relacionamentos é natural na fase da vida em que seus filhos estão. 47,36 % dos pais confirmaram saber do namoro dos filhos. Contudo, falas do tipo “que eu saiba, não”, chamaram atenção e revelam certa consciência de que, nesse assunto, é comum haver desinformação por parte dos pais.

Silva (2015) investigou as concepções e práticas de pais e professores de alunos do ensino fundamental sobre a educação para a sexualidade, através de relatos discursivos de 16 pais e 16 professores. Os temas que os pais elencaram como importantes envolviam relacionamentos, valores e atitudes, cultura e sociedade, direitos humanos, desenvolvimento físico, comportamento sexual, saúde sexual e reprodutiva, principalmente, menstruação e menarca, e diferenças entre os sexos. Os temas elencados como mais importantes para trabalhar no 5º ano do ensino fundamental foram aspectos fisiológicos, cuidados e higiene, menarca, mudanças corporais e poluição noturna.

Silva, Schmitz e Menezes (2015) consultaram 111 prontuários de triagem realizadas com pais e crianças com idades entre 2 e 12 anos, em uma clínica-escola de psicologia, entre os anos de 2008 e 2011. O objetivo era compreender a

perspectiva dos pais sobre a sexualidade das crianças. Na pesquisa, constataram que, em 52,25% das triagens, os pais perceberam curiosidade sexual por parte das crianças, e, diante dessas curiosidades, 44,15% tentaram explicar; 9,1% relataram que não explicam; 6,5% afirmam que repreendem a criança; e 5,19% indicaram que não sabem como explicar ou dizem somente o que julgam necessário para a idade. Os pais demonstram não se sentirem preparados para abordar a questão da sexualidade infantil, referindo poucas informações sobre as formas de manifestação da sexualidade na infância, não a compreendendo de um modo amplo e não sabendo como proceder diante de indagações das crianças.

Com relação ao reconhecimento da masturbação no desenvolvimento da sexualidade infantil, os dados apontam que, em 35,58% das triagens, esse aspecto não foi reconhecido pelos pais, e em 25,96% houve referência de que ocorreu a masturbação infantil. O modo como os pais ou responsáveis relataram que lidam com esse comportamento é, principalmente, através da repressão.

4.2 Pesquisas com professores

Ramiro e Matos (2008) avaliaram as percepções e atitudes de 371 professores portugueses do ensino básico e secundário, em relação à educação sexual. Todos os temas da educação sexual foram classificados com nível de importância médio/alto. Os temas contraceção e sexo seguro, IST, abuso e assédio sexuais, segurança pessoal e tomada de decisões nos relacionamentos amorosos foram classificados como extremamente importantes. O tópico atribuído como menos importante foi abstinência. Foi proposta que a abstinência fosse excluída da lista de tópicos de educação sexual por um grupo relevante de sujeitos. Os professores que frequentaram ações de formação complementar em educação sexual foram os que revelaram atitudes mais positivas e atribuíram maior importância aos temas.

Serrão (2009) buscou construir um modelo do envolvimento dos professores em práticas de educação sexual, identificando os fatores preditores em nível contextual ou pessoal. Trezentos e quarenta e três professores do ensino básico e do ensino secundário responderam ao questionário, relatando perceberem-se como mais desconfortáveis na abordagem da legislação, por não dominarem o assunto. Foi mencionado que o corpo docente nunca está confortável, pois acha que não está

capacitado, e não tem coragem de falar, limitando-se ao aparelho reprodutor. Os professores relataram sentir-se mais confortáveis no âmbito da contracepção e IST, pois se encontram mais familiarizados com esses temas.

Maior conforto pressupõe maior envolvimento em ações de educação sexual e maior percepção de capacidade. A percepção de baixa competência é uma barreira ao envolvimento na prática da educação sexual. Os que possuem formação em educação sexual se sentiam mais capazes. A variável capacidade foi a que mais se correlacionou com o maior envolvimento na prática. A variável importância não se constituiu como preditora no envolvimento do professor em educação sexual; quanto maior a importância, menor o envolvimento.

Martin (2010) acredita que o termo desconfortável é mais adequado que o termo despreparado, pois muitas professoras sabem sobre o assunto da sexualidade, têm leituras, mas a história de vida não permite que se sintam confortáveis abordando-o. Das 13 professoras da 3ª série (atual 4º ano do ensino fundamental) entrevistadas, quatro referiram sentir-se desconfortáveis para discutir o assunto, duas, confortáveis; uma, mais ou menos confortável; e seis não responderam à pergunta. Dentre as respostas obtidas, pressupõe-se que a maioria das professoras se sente desconfortável para discutir temas relacionados à sexualidade.

O objetivo da pesquisa de Souza (2011) foi verificar a percepção e atitudes em relação à educação sexual entre 12 professores indígenas do ensino fundamental. Os professores destacaram o tema mudanças físicas e comportamentais na adolescência como o mais importante, referente à sexualidade, pra ser trabalhado em sala de aula (83,30%), seguido por IST/AIDS (66,64%), formas de evitar uma gravidez indesejada (58,31%) e aborto (41,65%). 58,31% dos professores relatam trabalhar a sexualidade em suas aulas como um tema transversal. Dos 58,31%, metade disse não encontrar nenhuma dificuldade, e que o tema é bastante esperado pelos adolescentes; a outra metade disse que não se sente à vontade nessas ocasiões. Os professores que afirmaram não trabalhar o tema alegaram não se sentir à vontade e nem capacitados para tocar no assunto.

Na pesquisa de Alvarez e Pinto (2012), 307 professores portugueses do 1º ciclo ao ensino secundário avaliaram a importância de temas relacionados à sexualidade, em uma escala de 5 pontos, na qual um era nada importante e cinco,

extremamente importante. IST foi o tema que ficou com a média mais alta (4,66), seguida por abuso sexual (4,55), contracepção (4,54), noção familiar (4,42), aspectos emocionais e relacionais (4,35), tomada de decisão sexual nos relacionamentos (4,22), reprodução (4,20), puberdade (4,16), gênero e diversidade (3,96), vocabulário (3,89), prazer e satisfação (3,45) e abstinência (3,21). Os tópicos mais importantes foram os relativos à saúde sexual e ao domínio dos relacionamentos, e os menos importantes, os associados ao comportamento sexual e aspectos sociais e culturais da sexualidade. Entretanto, ainda não se tem uma perspectiva totalmente positiva do tema, pois dimensões como o prazer e a satisfação sexuais persistem apresentando baixo grau de importância. 32,4% dos participantes relatou ter passado por formação para lecionar educação sexual, porém, 43,1% consideraram a sua formação insuficiente, 36,3% a consideraram suficiente e 20,7% não a consideraram nem suficiente, nem insuficiente. Os professores elencaram grau moderado de conhecimento (3,48) e conforto (3,49) para lecionar educação sexual. Os tópicos com maiores médias de conhecimento e conforto foram: reprodução, contracepção, IST, menstruação, puberdade, gravidez na adolescência e vocabulário; e os com menores médias foram: pornografia, masturbação, sonhos úmidos, prazer e orgasmo, prostituição adolescente, homossexualidade e abuso sexual. Os tópicos em que sentiram maior conhecimento e conforto são relativos ao desenvolvimento humano e saúde sexual, e menos, nos relacionados ao comportamento sexual e sociedade e cultura.

Na pesquisa de Rufino et al. (2013), o objetivo foi verificar a prática pedagógica em educação sexual, as dificuldades na temática e necessidades de capacitação de professores do ensino médio. 86,2% disseram não possuir formação na temática sexualidade; 89,6% relataram dificuldade; e 93,1% manifestou necessidade de capacitações, sob a forma de educação continuada (89,6%). De acordo com os resultados, os professores não possuem experiência na temática, não receberam capacitações e relataram sentir dificuldades com o tema e necessidade de formação na área.

Matos et al. (2014) avaliaram a implementação da educação sexual em meio escolar, através de questionários, com a colaboração de 428 diretores e 424 professores coordenadores de educação para a saúde. A maioria dos professores relatou sentirem-se confortáveis (73,8%) e capacitados (69,3%) para abordar

diversos temas referentes à sexualidade. A maioria refere não sentir dificuldade nenhuma ou quase nenhuma em trabalhar a educação para a saúde (90,1%) nem a educação sexual (87%). Ainda assim, mencionaram a necessidade de formação e educação continuada, pois gostariam de garantir que a formação permanecesse atualizada e seguida de ação, uma vez que, segundo disseram, muitas vezes, alguns professores recebem formação, mas não se sentem confiantes ou capazes de abordar temáticas de educação sexual com os alunos.

Chaveiro et al. (2015) buscaram identificar conteúdos referentes à temática sexualidade nas redes municipal e estadual de ensino e identificar as dificuldades e necessidades dos professores na abordagem da temática, aplicando questionário para 79 professores do ensino fundamental e médio. A maioria dos professores que participou da pesquisa era da área de ciências humanas e não receberam formação sobre sexualidade durante a graduação. Isso pode indicar a dificuldade em abordar os temas em sala de aula. Segundo os professores, os temas em que eles mais necessitam ser capacitados são prevenção de IST, gravidez, sexualidade, métodos contraceptivos e diversidade sexual. O que demonstra grande percepção de importância sobre o tema prevenção de IST é o fato de ser o tema sobre o qual mais referem necessidade de capacitação. Os professores da rede estadual disseram necessitar mais de cursos de capacitação e citaram o tema gravidez como prioridade, uma vez que o adolescente se encontra mais vulnerável a uma gravidez indesejada, tendo em vista o início da idade fértil, que pode levar ao início precoce da atividade sexual.

Madureira e Branco (2015) analisaram as concepções e crenças de professores do ensino fundamental em relação às questões de gênero, sexualidade e diversidade. A pesquisa foi dividida em duas etapas; na primeira, 122 professores responderam a um questionário, e, na segunda, foram realizadas entrevistas individuais e quatro reuniões de grupos focais, com 10 professores que participaram também na primeira etapa.

Os professores relataram desconforto, ao ter que lidar com a homossexualidade em sala de aula. A pesquisa evidencia que a religião influencia nessa percepção; professoras católicas, que destacaram a importância da religião em suas vidas, afirmaram ter dificuldade em lidar com piadas direcionadas a “alunos que apresentam comportamentos considerados culturalmente não adequados em

relação ao seu sexo”, apesar de defenderem a importância do respeito às diferenças. Observa-se um conflito de valores distintos, o do respeito às diferenças e o do respeito às próprias crenças religiosas. Apesar da lacuna existente na formação de professores na área de gênero, sexualidade e diversidade, identifica-se na pesquisa o desejo, por parte da maioria dos participantes, de capacitação na área.

A pesquisa de Costa et al. (2016), realizada com 103 docentes que lecionavam para alunos do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, procurou conhecer práticas de educadores para trabalhar educação sexual com adolescentes. Grande parte dos professores (82,5%) referiu não ter realizado qualquer capacitação sobre sexualidade, porém, a maioria (78,8%) manifestou interesse em ser capacitado. Mais da metade (56,3%) não se considera apta para trabalhar com a temática em sala de aula, principalmente, devido à falta de capacitação (72,2%) e ao fato de o tema divergir de sua formação acadêmica (25%); disseram também que a vergonha (8,3%) e fatores religiosos (2,7%) remetem à sensação de incapacidade. Esses dados apontam que a falta de capacitação e interesse pela temática da sexualidade, por parte da maioria, reflete a percepção do baixo grau de capacidade dos professores. A vergonha e os fatores religiosos referidos por alguns professores podem ser agentes geradores de desconforto para falar sobre o assunto. Os professores apontaram ainda que o tema deveria ser discutido por todas as disciplinas, para uma melhor formação e sensibilização do aluno, destacando a importância dada ao assunto.

5. Método

Participaram deste estudo pais e professores de alunos do quinto ano do ensino fundamental, de escolas municipais de Foz do Iguaçu. Quanto aos pais e/ou responsáveis, foram convidados os que possuíam filhos matriculados no quinto ano do ensino fundamental das escolas municipais aderidas ao Programa Saúde na Escola (PSE), contabilizando 565 no total. Desses, 68 aceitaram o convite, porém, apenas 46 compareceram para a entrevista. No geral, os responsáveis entrevistados eram mães (78%), tinham entre 29 e 39 anos (54%), eram casadas (65%) e tinham o ensino médio incompleto (50%).

Quanto aos professores, participaram 82 do quinto ano do ensino fundamental de 48 escolas municipais, o que corresponde a 59,85% do total de

professores que lecionam para esse ano, nas escolas do município, e a 94% do número total de escolas do município. Em sua maioria eram mulheres (87%), com idades entre 41 a 50 anos (45%), pós-graduadas (73%), com experiência entre 16 e 25 anos no magistério (47%), que tiveram cinco anos ou menos de experiência com o 5º ano no magistério (43%), não tiveram a educação sexual como conteúdo na graduação (65%) e não participaram de qualquer capacitação sobre sexualidade (63%).

O instrumento de coleta de dados continha uma lista de 23 assuntos, na qual os participantes deveriam avaliar o nível de importância, capacidade e conforto por meio de uma escala Likert de cinco pontos, sendo: (1) Nada importante, nada capaz e nada confortável; (2) Pouco importante, pouco capaz e pouco confortável; (3) Razoavelmente importante, razoavelmente capaz e razoavelmente confortável; (4) Muito importante, muito capaz e muito confortável; e (5) Extremamente importante, extremamente capaz e extremamente confortável.

Os assuntos eram: transformações corporais na puberdade, corpo masculino, corpo feminino, ejaculação, ciclo menstrual, relações sexuais, concepção e gravidez, aborto, métodos contraceptivos, IST/AIDS, a primeira relação sexual, lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo, gravidez na adolescência, sexo oral, sexo anal, masturbação, prazer sexual e orgasmo, abuso sexual e prostituição adolescente, homossexualidade, comportamentos sexuais de risco, decisões responsáveis quanto à sexualidade, abstinência sexual e pornografia.

O agendamento para coleta de dados com os professores foi realizado através de contato telefônico com os diretores e coordenadores das escolas. Aos pais, foi enviado um convite por meio de seus filhos, para que eles sinalizassem seu interesse, enviando um número telefônico para contato e agendamento. Tanto pais quanto professores leram e preencheram o questionário, pontuando os itens solicitados, juntamente com o entrevistador, para evitar erros de interpretação.

O projeto foi submetido para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Cepsh) e aprovado conforme o Parecer Consubstanciado nº 618.706, em 31/03/2014.

6. Resultados

Os dados coletados foram tabulados e em seguida foi calculada a média de pontos para cada item avaliado. As médias obtidas das pontuações atribuídas pelos pais e professores foram comparadas, buscando verificar similaridades e diferenças entre as percepções dos dois grupos.

A Tabela 1 apresenta os temas que obtiveram as maiores e menores pontuações quanto à importância atribuída por pais e professores.

Tabela 1 - Temas da sexualidade que atingiram as médias mais altas e mais baixas quanto à importância atribuída por pais e professores

MÉDIA	PAIS	PROFESSORES
Extremamente importante (Média 5)	IST/AIDS Lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo; Gravidez na adolescência; Abuso sexual e prostituição adolescente; Decisões responsáveis quanto à sexualidade.	-
Muito importante (Média 4,5 a 4,99)	*	Transformações corporais na puberdade; Corpo feminino; Corpo masculino; Gravidez na adolescência; Ciclo menstrual; IST/AIDS; Concepção e gravidez; Métodos contraceptivos.
Muito importante (Média 4 a 4,49)	Relações sexuais; Masturbação; Sexo anal; Sexo oral; Prazer sexual e orgasmo.	*
Razoavelmente importante (Média 3,5 a 3,99)	-	*
Razoavelmente importante (Média 3 a 3,49)	-	*
Pouco importante (Média 2,5 a 2,99)	-	Masturbação; Prazer sexual e orgasmo; Sexo oral; Sexo anal.

* Temas da sexualidade omitidos por não apresentarem significância para esta tabela.

Fonte: produção do próprio autor.

A Tabela 2 apresenta os temas que obtiveram as maiores e menores pontuações, referentes à capacidade atribuída por pais e professores.

Tabela 2 - Temas da sexualidade que atingiram as médias mais altas e mais baixas quanto à capacidade atribuída por pais e professores.

MÉDIA	PAIS	PROFESSORES
Muito importante (Média 4,5 a 4,99)	Abuso sexual e prostituição adolescente; Gravidez na adolescência; Abstinência sexual; Decisões responsáveis quanto à sexualidade; Lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo; Métodos contraceptivos; IST/AIDS; Homossexualidade; Ciclo menstrual; Corpo feminino; Concepção e gravidez; Pornografia; Comportamentos sexuais de risco; Aborto; Transformações corporais na puberdade.	-
Muito importante (Média 4 a 4,49)	*	Ciclo menstrual; Gravidez na adolescência; Concepção e gravidez; Métodos contraceptivos; Corpo feminino;
Razoavelmente importante (Média 3,5 a 3,99)	*	*
Razoavelmente importante (Média 3 a 3,49)	Prazer sexual e orgasmo.	*
Pouco importante (Média 2,5 a 2,99)	-	Masturbação; Prazer sexual e orgasmo; Sexo oral; Sexo anal.

* Temas da sexualidade omitidos por não apresentarem significância para esta tabela.
Fonte: produção do próprio autor.

A Tabela 3 se refere às médias quanto ao conforto atribuído por pais e professores, ao falar de temas relacionados à sexualidade.

Tabela 3 - Temas da sexualidade que atingiram as médias mais altas e mais baixas quanto ao conforto atribuído por pais e professores.

MÉDIA	PAIS	PROFESSORES
Muito importante (Média 4,5 a	Abuso sexual e prostituição adolescente;	-

4,99)	Abstinência sexual; IST/AIDS; Gravidez na adolescência; Lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo; Métodos contraceptivos; Decisões responsáveis quanto à sexualidade; Ciclo menstrual; Corpo feminino; Homossexualidade; Aborto; Comportamentos sexuais de risco; Pornografia; Concepção e gravidez.	
Muito importante (Média 4 a 4,49)	*	Gravidez na adolescência; Concepção e gravidez.
Razoavelmente importante (Média 3,5 a 3,99)	*	*
Razoavelmente importante (Média 3 a 3,49)		*
Pouco importante (Média 2,5 a 2,99)	-	Prazer sexual e orgasmo; Masturbação; Sexo oral; Sexo anal.

* Temas da sexualidade omitidos por não apresentarem significância para esta tabela
Fonte: produção do próprio autor.

A análise dos resultados evidencia que os pais classificaram alguns assuntos como extremamente importantes: IST/AIDS, lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo, gravidez na adolescência, abuso sexual e prostituição adolescente e decisões responsáveis quanto à sexualidade.

Os professores não classificaram qualquer assunto como extremamente importante; os considerados muito importantes foram: transformações corporais na puberdade, corpo feminino, corpo masculino, gravidez na adolescência, ciclo menstrual, IST/AIDS, concepção e gravidez e métodos contraceptivos.

Os pais se percebem muito capazes para lidar com vários tópicos da sexualidade: abuso sexual e prostituição adolescente, gravidez na adolescência, abstinência sexual, decisões responsáveis quanto a sexualidade, lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo, métodos contraceptivos, IST/AIDS, homossexualidade, ciclo menstrual, corpo feminino, concepção e gravidez,

pornografia, comportamentos sexuais de risco, aborto e transformações corporais na puberdade, dispostos em ordem decrescente da média de percepção da capacidade. Dentre esses, abuso sexual e prostituição adolescente e gravidez na adolescência se destacam, quase atingindo a média máxima que caracteriza a extrema capacidade (4,98 e 4,96; respectivamente).

Já os professores se sentem muito capazes de discutir sobre os seguintes assuntos: ciclo menstrual, gravidez na adolescência, concepção e gravidez, métodos contraceptivos e corpo feminino.

Assim como a capacidade, os pais se percebem muito confortáveis para tratar sobre diversos temas: abuso sexual e prostituição adolescente, abstinência sexual, IST/AIDS, gravidez na adolescência, lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo, métodos contraceptivos, decisões responsáveis quanto a sexualidade, ciclo menstrual, corpo feminino, homossexualidade, aborto, comportamentos sexuais de risco, pornografia e concepção e gravidez, dispostos em ordem decrescente da média de percepção do conforto.

Os professores se sentem muito confortáveis para tratar apenas sobre dois temas relacionados à sexualidade: gravidez na adolescência e concepção e gravidez. A média atingida para os dois temas foi bastante baixa (4,05 e 4; respectivamente), quase atingindo o limiar de percepção razoavelmente confortável, em que se encontra a maioria dos tópicos pesquisados para essa categoria. Os tópicos transformações corporais na puberdade, corpo feminino, ciclo menstrual, métodos contraceptivos, corpo masculino e abuso sexual e prostituição adolescente foram classificados como razoavelmente confortáveis, porém, atingiram médias próximas àqueles classificados como muito confortáveis (3,99; 3,95; 3,94; 3,94; 3,9 e 3,9, respectivamente).

Prazer sexual e orgasmo, sexo oral, sexo anal, masturbação e relações sexuais são temas que os pais classificaram como muito importantes, no entanto, foram os que ficaram com as menores médias dentre os temas apresentados na pesquisa (4,07; 4,15; 4,15; 4,37 e 4,43, respectivamente). Os professores também pontuaram esses mesmos temas, exceto relações sexuais, como os menos importantes, classificando-os como pouco importantes para serem discutidos com os alunos.

Os pais se consideram razoavelmente capazes de discutir sobre os temas relações sexuais, ejaculação, masturbação, sexo anal, sexo oral e especialmente prazer sexual e orgasmo, com a média mais baixa em capacidade (3,39). Exceto pelos temas relações sexuais e ejaculação, os professores também pontuaram aqueles como os temas em que se sentem menos capazes para trabalhar com a educação sexual, classificando-os como pouco capazes.

Tanto os pais quanto os professores classificaram os temas sexo oral, sexo anal, masturbação e prazer sexual e orgasmo como os menos confortáveis para tratar sobre, sendo razoavelmente confortáveis para os pais e pouco confortáveis para os professores.

7. Considerações finais

Comparando as médias da percepção de importância, capacidade e conforto, atribuídas pelos pais com as dos professores, conclui-se que os pais relatam maior grau de importância, capacidade e conforto para discutir sobre temas da sexualidade com seus filhos do que os professores.

Pais e professores apresentaram dificuldade para conversar sobre os assuntos relacionados ao ato sexual. Dentre todos os tópicos apresentados nesta pesquisa, os que apresentam relação com o ato sexual foram pontuados como os de menor grau de importância, conforto e capacidade.

Assim como a preocupação com IST e gravidez precoce, os pais apontaram como importantes dimensões como afetividade e relacionamentos dos jovens; já os professores, temas biologicistas, relacionados ao desenvolvimento do corpo humano. Os professores atribuíram muita capacidade apenas aos tópicos relativos aos aspectos biológicos referentes ao corpo feminino e aos processos conceptivos e contraceptivos da gravidez. Todos os outros tópicos apresentados se configuraram na média razoável de capacidade para realizar a educação sexual, exceto pelos tópicos relacionados ao sexo, pontuados com pouca capacidade.

Sendo a sexualidade uma característica intrínseca do ser humano, a educação sexual deveria acontecer de forma elementar, durante todas as etapas da vida, pois, enquanto seres sexuados, os humanos, naturalmente, expressam sua sexualidade em suas atitudes e comportamentos. A busca pelo prazer faz parte do

desenvolvimento. Na puberdade, os desejos passam a configurar a idealização de uma relação íntima envolvendo outro ser.

A ideia da educação sexual emancipatória é permitir que cada indivíduo receba informações pertinentes à promoção de sua saúde física e emocional, livre de imposições de crenças e tabus por parte do educador, mantendo o direito de expressar a sexualidade à sua maneira e seguir seus próprios valores. Nos tempos atuais, no lugar da repressão, a mídia tem exibido a sexualidade como um produto de consumo, estando os conteúdos eróticos acessíveis para a população de todas as faixas etárias. Com isso, os esforços dos pais em reprimir a sexualidade de seus filhos vêm dando lugar aos esforços para promover decisões responsáveis quanto à sexualidade, através da educação sexual para prevenir comportamentos sexuais precoces e de risco.

Este estudo reforça a importância e necessidade da elaboração de programas de capacitação sobre sexualidade, para professores e também para os pais, apesar de esses terem relatado alto grau de capacidade e conforto para falar sobre sexualidade com seus filhos. Acredita-se que quanto mais informação sobre o assunto, mais as pessoas o tratarão com naturalidade. Portanto, a capacitação para educação sexual seria benéfica, tanto para promover o conhecimento, quanto para promover a desconstrução de tabus e preconceitos. Sugere-se, portanto, que esteja presente na formação de professores desde sua graduação.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, M. J.; PINTO, A. M. Educação sexual: atitudes, conhecimentos, conforto e disponibilidade para ensinar de professores portugueses. *Aletheia*, n. 38-39, p. 8-24, dez 2012.

ARAÚJO, A. V. S. et al. O papel dos pais na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 13, n. 2, p. 117-128, 2015.

BARBOSA, S. M.; COSTA, P. N. P.; VIEIRA, N. F. C. O comportamento dos pais em relação à comunicação com os filhos adolescentes sobre prevenção de HIV/AIDS. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, v. 9, n. 1, p. 96-102, jan-mar 2008.

BARDUNI FILHO, J.; COELHO, F. M. C. Sexualidade e afetividade na EFA - Puris, MG: o controle dos pais e a religiosidade das famílias. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, n. 35, p. 185-198, jan-jun 2013.

BEE, H.; BOYD, D. *A criança em desenvolvimento*. 12ªed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRASIL. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. In. *Diário Oficial da União*, Brasília, 7 de fevereiro de 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: temas transversais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Secretários da Educação. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Proposta preliminar: 2ª versão revista. Abril 2016. Disponível em: <<http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>

CABRAL, P. P. *Responsabilidade de quem? O que pensam os pais de alunos do ensino fundamental sobre a educação sexual na escola*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2017.

CHAVEIRO, L. G. et al. Análise da temática sexualidade no contexto escolar com professores da educação básica. *Rev. Rene*, v. 16, n. 5, p. 690-698, set-out 2015.

CORDELLINI, J. V. F. Adolescência e a saúde física e mental. CAOPCA - Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente. In. MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. Medidas socioeducativas em meio aberto. *Revista Igualdade*, Livro 42, Ano XIV, n. XLII, edição especial, p. 1-12, 2008.

CORRÊA, C. I. M. *Análise da participação de uma escola pública na educação sexual de seus alunos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

COSTA, S. P. et al. Discutindo sexualidade/IST no contexto escolar: práticas de professores de escolas públicas. *Revista de enfermagem UFPE online*, v. 10, n. 5, p. 4295-4303, 2016.

D'ANDREA, A. *Movimentos e articulações: uma análise das iniciativas de formação de educadoras/es em sexualidade na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (1989-2009)*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ENDERLE, C. F. et al. Gravidez e parto na adolescência - estudo teórico. *VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde*, v. 24, n. 2, p. 17-22, 2015.

FERREIRA, M.; NELAS, P. B. Adolescências... Adolescentes... *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, n. 32, p. 141-162, 2016.

GONÇALVES, R. C. et al. Concepções dos pais acerca do diálogo sobre sexualidade na adolescência. *Enciclopédia Biosfera (Centro Científico Conhecer)*, v. 8, n. 15, p. 2053-2067, 2012.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*, v. 5, ano 29, p. 251-263, 2013.

- GONÇALVES, R. C.; PAES, D. C.; FAVORITO, A. P. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? *Multi-ScienceJournal*, v. 1, n. 3, p: 69-78, dez. 2015.
- GROFF, A. M. *Transição entre a infância e a adolescência: concepções de alunos, professores e pais sobre sexo e sexualidade*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- MADUREIRA, A. F. A.; BRANCO, A. U. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em psicol.*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 577-591, set 2015.
- MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. *Revista Linhas*, v. 11, n. 1, p. 68-84, jan-jun 2010.
- MARTIN, S.A.F. *Educação sexual na escola: concepções e práticas de professores*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.
- MATOS, M.G. et al. Educação sexual em Portugal: legislação e avaliação da implementação nas escolas. *Psic., Saúde & Doenças*, v. 15, n. 2, p. 335-355, jun 2014.
- MONTARDO, J. A escola e a educação sexual. *La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 13, n. 1, p. 161-173, jan-jun 2008.
- NERY, S., I. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paul Enferm*, v. 28, n. 3, p. 287-92, 2015.
- NOTHAFT, S. C. S. et al. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 18, n. 2, p. 284-294, 2014.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Education and treatment in human sexuality: the training of health professionals, report of a WHO meeting [held in Geneva from 6 to 12 February 1974]. Geneva: WHO, 1975.
- PEREIRA, Z. M. *Sexualidade e gênero na pesquisa e na prática de ensino em biociências e saúde*. 2014. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.
- PROGRAMA CONJUNTO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE HIV/AIDS et al. Estatísticas 2016. UNAIDS, 2017. Disponível em: <<https://unaid.org.br/estatisticas/>>.
- QUEIRÓS, P. S. et al. Concepções de pais de adolescentes escolares sobre a sexualidade de seus filhos. *Rev Rene*. v. 17, n. 2, p. 293-300, mar-abr 2016.
- RAMIRO, L.; MATOS, M.G. Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. *Revista Saúde Pública*, v. 42, n. 4, p. 684-692, ago 2008.
- RODRIGUES, C. P.; WECHSLER, A. M. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 89-104, 2014.

RODRIGUEZ, N. G. M. Sexualidade: uma discussão com pais, alunos e professores de 7º série da escola Albert Einstein de Jaciara sobre o Tema Transversal Sexualidade. *Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da EDUVALE*, v. 3, n. 5, out 2010.

ROHDEN, F. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. *Cad. Pesqui.* v. 39, n. 136, p. 157-174, jan-abr. 2009.

RUFINO, C. B. et al. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. *Rev. Eletr. Enf.*, v. 15, n. 4, p. 983-991, out-dez 2013.

SERRÃO, C. *Práticas de educação sexual em contexto escolar: fatores preditores do envolvimento dos professores na promoção da educação sexual*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2009.

SILVA, G. M. V. *Gravidez na adolescência: uma visão macro sobre a ação e resultados deste ato*. Monografia (Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde) - Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2010.

SILVA, L. Q. P.; SCHMITZ, N. H.; MENEZES, M. Perspectivas parenterais sobre a sexualidade de crianças atendidas em clínica-escola de psicologia. *Psicol. Argum.*, v. 33, n. 81, p. 226-237, abr-jun 2015.

SILVA, R. C. P.; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciênc. Educ.*, v. 12, n. 2, p. 185-197, ago 2006.

SILVA, R. M. *Educação para a sexualidade no ensino fundamental: discursos e práticas de pais e professores*. 2015. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

SOUZA, R. A. Educação sexual na visão dos professores indígenas do ensino fundamental em uma escola de Dourados – MS. *Espaço Ameríndio*, v. 5, n. 3, p. 181-206, jul-dez 2011.

SPAZIANI, R. B.; MAIA, A. C. B. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. *Revista Psicopedagogia*, v. 32, n. 97, p. 61-71, 2015.

VALENÇA, C. N.; GERMANO, R. M. Percepção da autoimagem e satisfação corporal em adolescentes: perspectiva do cuidado integral na enfermagem. *Rev. Rene. Fortaleza*, v. 10, n. 4, p. 173-180, out-dez 2009.

YANO, K. M.; RIBEIRO, M. O. O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 45, n. 6, p. 1315-1322, dez-jan 2011.